

O PROCESSO DE LEITURA E AS OPERAÇÕES ENUNCIATIVAS DE ANTOINE CULIOLI

Maria Inez Mateus DOTA¹

- **RESUMO:** Este artigo, voltado para a área do ensino de língua estrangeira, procura mostrar as contribuições que o modelo de Culioli, com a teoria das operações enunciativas, pode oferecer para uma reflexão sobre o ensino de leitura.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Leitura; operações enunciativas; enunciador; co-enunciador e situação de enunciação.

1 Introdução

Uma de nossas preocupações, ao tratarmos da questão do ensino/aprendizagem de leitura em língua estrangeira, é não nos distanciarmos dos aspectos lingüísticos propriamente ditos (no caso, aspectos da língua inglesa), tentando, ao mesmo tempo, chegar aos processos subjacentes geradores das marcas que se apresentam na superfície de um texto. Encontramos no modelo de Culioli (1968, 1989), com a teoria das operações enunciativas, fundamentos para nossa busca.

Esse autor (1989, p.98) define a lingüística como a ciência cujo objetivo é compreender a linguagem através da diversidade das línguas naturais. Essa definição já é um direcionamento teórico e metodológico, uma vez que aponta para um ponto comum (a linguagem) que se manifesta de formas diversas (as línguas naturais).

A linguagem, uma atividade simbólica significativa, só é acessível por meio de seqüências de textos, isto é, através de conjuntos de marcas que são traços de operações subjacentes. O objeto da lingüística, segundo Culioli (1989, p.99), assim se coloca:

O objetivo não é construir uma gramática universal, mas reconstruir, por meio de um processo teórico e formal, as noções primitivas, operações elementares, regras e esquemas que geram categorias gramaticais e padrões específicos para cada língua. Em resumo, o objetivo é

¹ Departamento de Ciências Humanas - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - UNESP - 17033-360 - Bauru - SP.

encontrar as invariantes que fundamentam e regulam a atividade da linguagem, em toda sua riqueza e complexidade. (Tradução nossa)

Nessa linha, a reflexão de Portine (1989, p.75-87) parte da relação leitor/texto e assume uma atitude construtivista, embasada em Piaget,² para articular os diferentes componentes do texto; a leitura é a constituição de uma série de ligações com uma dimensão enunciativa, tentando articular esses componentes do texto e fazendo, ainda, uma ligação com o intertexto.

Nessa tentativa de estabelecer ligações, a tarefa do leitor é buscar certos elementos, certos índices (ou marcas) que o escritor colocou no texto e que conduzem ao sentido. Temos, assim, duas relações: a do escritor com o texto e a do leitor com o texto, por meio das quais o leitor constrói uma rede de ligações. Portine (p.78) fala de um "jogo de pistas", a exemplo do "jogo psicolinguístico de adivinhações" de Goodman (1982, p.33-4), tão enfatizado na discussão dos modelos anglo-americanos de leitura.

Essa atitude construtivista apontada por Portine na questão da leitura leva-nos a considerar o texto como uma estrutura operatória e a ligação leitor-texto, como uma relação dinâmica. O texto passa a ser, portanto, um sistema de relações colocadas em evidência pelo leitor, de forma progressiva e descontínua. Como se dá esse processo?

2 O aluno/leitor e a construção do significado

O que se percebe no contato com os alunos/leitores é que eles buscam construir o significado, colocando em relação as seqüências de palavras do texto, parafraseando essas seqüências, colocando as paráfrases em relação entre si ou com outras seqüências de palavras. É um processo descontínuo, portanto, porque há idas e voltas a trechos do texto. Paralelamente a essa atividade, ocorre um refinamento do sentido por parte do leitor, quando ele vai-se familiarizando progressivamente com a estrutura do sistema linguístico em questão, isto é, integrando os dados que recolhe, ou seja, as marcas textuais (léxico e gramática) e as seqüências de paráfrases que elabora. Dessa forma, o leitor vai remodelando os dados processados anteriormente em razão dos novos dados que entram.

Nesse ponto podemos fazer uma ligação com os estudos de Clark & Clark (1977, p.44), servindo-nos de suas observações a respeito de blocos de significados (unidade ou frase que denota um evento, nas palavras dos autores) para relacioná-los com a

² Na tese construtivista de Piaget, "o conhecimento resulta de uma atividade estruturadora por parte do sujeito. Esse conhecimento resulta do próprio comportamento, que gera esquemas de ação, através da interação do sujeito com o objeto da aprendizagem" (Kato, 1986, p.109-10).

seqüência de palavras a que fizemos menção anteriormente, de acordo com a abordagem construtivista.

Neisser (1967, p.136), na linha da psicologia cognitiva, também diz que, na leitura, continuamente, apercebemo-nos de “novas constelações de palavras”, para construir novos processos do pensamento.

Ainda Flores d’Arcais (1990, p.347) menciona a “extração de unidades lexicais apropriadas” por parte do leitor, por nós constatada em depoimentos de alunos que dizem “procurar juntar as palavras”, durante suas leituras em inglês.

Seguindo esse raciocínio, o texto, inicialmente, seja uma notícia de jornal, uma propaganda ou um artigo científico, é um objeto de análise como qualquer outro. No processo de construção do sentido, o leitor vai, aos poucos, colocando em relação as novas ligações feitas naquele texto específico e faz uma interpretação dentre as possibilidades que se lhe apresentam.

Assim sendo, a posição construtivista reporta a uma concepção de linguagem em que o sujeito enunciador³ está em relação dialética com seu enunciado.⁴ Isso elucida a questão da leitura com a explicitação de dois outros conceitos: o de co-enunciador⁵ e o de reconhecimento.

O primeiro, na visão de A. Culioli (apud Portine, 1989, p.81), tem esse nome porque, a partir de um enunciado dado, reconstrói a significação não só através da identificação de traços, mas também pela estruturação das relações entre esses traços que compõem o enunciado. Esse conceito de co-enunciador suscita o segundo conceito – o de reconhecimento, isto é, a tomada de consciência das operações enunciativas, sendo o entendimento o resultado desse reconhecimento.

É preciso ressaltar que as marcas gramaticais encontradas no texto, tais como marcas de tempo, modalidade, aspecto e determinação, são resultantes de uma situação⁶ de enunciação específica, de um enunciador que está numa relação espaço-temporal “x”, podendo ser, segundo Bailly (1975, p.90), agente do processo evocado ou constatador de um processo efetivado por outro sujeito, conjunto sobre o qual o enunciador pode emitir um julgamento.

Na medida em que consideramos a leitura como um ato de reconstrução do texto, podemos afirmar que ela tem raízes comuns com o processo de produção ou escrita, desde que tomemos por base operações no plano da linguagem, tais como as

3 Sujeito enunciador – termo metalingüístico utilizado para significar a localização-origem em relação à qual se efetuam todas as determinações sobre as pessoas, e sua situação no tempo e no espaço. Trata-se do centro organizador do acontecimento enunciativo (Souesme, 1992, p.361, tradução nossa).

4 Enunciado – conjunto de termos localizados com relação a um enunciador em uma situação dada no tempo e no espaço (p.361, tradução nossa).

5 Co-enunciador – aquele ao qual se dirige o enunciador; conseqüentemente, ele constitui, como o enunciador, um elemento em relação ao qual se efetuam as operações de localização no plano espaço-temporal, a determinação do nome (qualificação e quantificação) e do verbo (aspectuais, temporais e modais) (p.360, tradução nossa).

6 Situação – aquilo que é suscetível de provocar, de permitir a realização das operações e seus corolários, os traços dentro do discurso (Portine, 1980, p. VI, tradução nossa).

aqui citadas (determinação, modalização, aspectualidade e temporalidade), generalizáveis à produção e ao reconhecimento, nas diversas línguas.

Assim, a leitura, como a escrita, é um processo de construção. A esse respeito, a retórica aristotélica destaca três grandes momentos no processo de produção (Fuchs, 1985, p.112, e Portine, 1989, p.82): a *inventio* (seleção das provas que constituem os modos de persuasão), a *elocutio* ou *lexis* (verbalização do pensamento – passagem do conceitual ao lingüístico) e a *dispositio* (encadeamento das partes constitutivas dos dois principais momentos do discurso – a exposição do assunto e a demonstração).

O escritor, bem como o orador da retórica aristotélica, encadeará diferentemente as três partes acima citadas, conforme os objetivos que se propõe, num determinado momento de produção.

Este breve lembrete mostra o quanto a perspectiva enunciativa estava presente na retórica aristotélica. De fato esta retórica se sustenta, enquanto princípio, na consideração daquilo que chamamos hoje “a situação de enunciação”. “Podemos distinguir três elementos em qualquer discurso: aquele que fala, o assunto sobre o qual se fala, aquele a quem se fala”, diz Aristóteles. Essa filiação, há muito tempo esquecida, em particular pelos lingüistas, começa a renascer nos últimos anos: a “história do estudo das estratégias discursivas não é nada mais do que a história da retórica”, afirma Le Guern. (Fuchs, 1985, p.112)

Ler, segundo essa concepção, é reconstruir um agrupamento de *inventio/dispositio* que produz os objetos discursivos, ou seja, os núcleos da significação. Ler é também colocar em relação, isto é, predicar as noções – um aspecto, sobretudo, lógico-discursivo. A leitura é, portanto, uma atividade que subentende a escrita e vice-versa.

É preciso ficar claro que essa concepção de leitura se aplica também à questão da alfabetização, bem como, após essa fase, à leitura em língua materna, uma vez que as operações acima apontadas dizem respeito à linguagem e independem da fase ou da língua que se tem por alvo.

3 O esquema da *lexis* e as operações enunciativas

Quando falamos dos momentos da retórica, em um deles, na passagem do conceitual ao lingüístico (cf. acima), estabelecemos uma relação com o esquema da *lexis*, apontado por Culioli (1968).

Trata-se, *grosso modo*, da noção Sujeito-Verbo-Complemento, que aparece na superfície de um enunciado e que, em níveis mais profundos, passou por diversas etapas de elaboração.

A primeira etapa, sublingüística, chamada por Culioli de “relações primitivas”, consiste nas propriedades que cada ser humano, através de suas percepções, atribui ao extralingüístico (animado/inanimado; masculino/feminino; agente/não-agente etc.).

Assim, inicialmente, estabelecem-se relações entre as palavras que recobrem as noções, isto é, que recobrem um conjunto de propriedades físicas e culturais. Dessa forma, se dissermos *dog*, antes mesmo de situar esta palavra num enunciado, temos a representação daquilo que é um cachorro. Essa representação é feita de propriedades comuns a todos os tipos de cachorro. Esse conjunto de propriedades é chamado de noção: a noção *dog* é a propriedade “ser cachorro”.

A partir da noção *dog*, que não pertence à lingüística, mas ao domínio das representações, constrói-se um domínio nocional que vai permitir efetuar as operações de quantificação e de qualificação. De um lado, teremos a classe dos *dogs* que permitirá extrair um ou vários *dogs* – operações de quantificação; de outro lado, poderemos distinguir aquilo que é *dog* (interior do domínio), aquilo que não é *dog* (o exterior) e aquilo que não é exatamente um cachorro (fronteira) – operações de qualificação (exemplo de Bouscaren, 1991, p.13).

Numa segunda etapa mais organizada da linguagem que representa o esquema da *lexis*, podem-se entrever os seus lugares, ou seja, os pólos de orientação dos futuros elementos do discurso; parte-se de um elemento-origem em direção a um elemento de chegada – por exemplo, um sujeito em direção ao complemento do verbo (mesmo quando não há, o sentido se completa orientado para o verbo), tendo, neste, o elemento relacional. O elemento-origem dessa relação será definido em função das relações primitivas, ou seja, em função do conjunto de propriedades físicas e culturais pertinentes às noções envolvidas.

Temos, assim, um esqueleto de enunciado, uma relação mínima chamada de relação predicativa, como por exemplo: *boy – drive – car*. Nesse caso, a relação predicativa é formada de um sujeito e de um predicado. O sujeito é geralmente um nome, o elemento relacional é geralmente⁷ um verbo.

Na última etapa, o enunciador faz as determinações complementares e assume o seu enunciado (operações enunciativas); temos, então, o texto final com todas as marcas lingüísticas disponíveis para serem analisadas. É importante frisar que essas etapas não ocorrem em separado na mente do enunciador. Trata-se, tão-somente, de diferentes níveis de análise.

Quando afirmamos que o enunciador assume o seu enunciado, queremos dizer que todo enunciador se serve de marcas gramaticais (marcas de tempo, de aspecto, de modalidade ou de determinação do nome) para exprimir:

1 como ele se situa com relação àquilo que ele diz (pode-se exprimir isso em termos de ponto de vista);

2 como ele se situa com relação àquele a quem se dirige (pode-se exprimir isso em termos das relações entre os sujeitos ou relações intersubjetivas).

⁷ Bouscaren (1991, p.12) observa que o sujeito pode ser um verbo no infinitivo, ou no gerúndio: *to ignore the law is...*, *ignoring the law is...* O elemento relacional pode ser uma preposição: *ignorance of the law...*

Essas etapas por que passa o processo de construção do sentido se fazem sentir tanto na escrita como na leitura; são os vários caminhos percorridos, em alguns casos inconscientemente, de modo que, quando solicitados a explicitar, os aprendizes dificilmente conseguem reproduzir tais operações. Em seus procedimentos de leitura, os leitores tentam reconstruir as etapas ora citadas: partindo de relações primitivas entre as noções, procuram montar o esquema da *lexis* e, pela coleta de pistas (ou marcas), vão procedendo à busca da significação.

4 Conclusão

Do que expusemos antes sobre a teoria das operações enunciativas, destacam-se como elementos essenciais (sem os quais não há enunciação) os sujeitos enunciadores (enunciador e co-enunciador) e a situação de enunciação à qual eles pertencem. A significação do enunciado provém desta acomodação intersubjetiva e o diálogo constitui, portanto, a dimensão fundamental da comunicação, nesse modelo. Assim colocado,

a enunciação se define, então, como uma seqüência de determinações progressivas pelas quais são produzidos (ou reconhecidos) os enunciados. Mais precisamente, os enunciados potenciais tomam os *valores referenciais* através dos sistemas de localização com relação ao ponto de ancoragem que constitui a situação de enunciação (os sujeitos enunciadores, o momento de enunciação...). (Fuchs & Le Goffic, 1985, p.121, tradução nossa)

Culioli tem por objetivo o estudo sistemático da significação em que ela é lingüisticamente acessível, isto é, nas seqüências textuais. Para tanto, estabelece uma relação dialética entre a linguagem (faculdade universal de produzir e interpretar textos por um processo de operações generalizáveis) e as línguas (sistemas de representação que têm regras próprias de organização e cujos traços são empiricamente observáveis). Nas palavras do autor:

A língua se liga, portanto, necessariamente, à atividade da linguagem como atividade de regulação intersubjetiva (entre os sujeitos dentro de sua singularidade histórica, física e sociológica) e trans-individual (coesão institucional; condutas de grupo; ritos e jogo da linguagem etc.), e como atividade de representação. (Culioli, 1984, p.9, tradução nossa)

No que tange ao ensino de línguas, não se pode chegar ao sentido de um enunciado, se o aprendiz não for conduzido, por meio de exercícios apropriados, a perceber o processo de produção refletido nas marcas da língua-alvo. É imprescindível levar em conta o contexto, quer dizer, os elementos da situação em que o texto foi produzido: é preciso conhecer as operações enunciativas (entrelaçadas às operações predicativas) efetuadas por um sujeito em um momento determinado. Elas restituirão ao aprendiz o lugar que lhe pertence, porque o colocarão no centro da atividade da

linguagem, permitindo, assim, com os recursos inerentes à língua estrangeira, controlar e facilitar suas tarefas de produção e de reconhecimento.

DOTA, M. I. M. The reading process and Antoine Culioli's enunciative operations. *Alfa (São Paulo)*, v.39, p.153-160, 1995.

- **ABSTRACT:** *This paper, concerned with foreign language teaching, tries to present the contributions that Culioli's model and his enunciative operations theory can offer to a reflection on the teaching of reading.*
- **KEYWORDS:** *Reading; enunciative operations; enunciator; coenunciator and enunciative situation.*

Referências bibliográficas

- 1 BAILLY, D. Pour une application de la linguistique théorique a l'enseignement des langues. *Langages (Paris)*, n.39, p.81-104, 1975.
- 2 BOUSCAREN, J. *Linguistique anglaise: initiation à une grammaire de l'énonciation*. Paris: Ophrys, 1991.
- 3 CLARK, H., CLARK, E. V. *Psychology and language*. United States: Harcourt Brace Jovanovich, 1977.
- 4 CULIOLI, A. La formalization en linguistique. *Cahiers pour l'analyse (Paris)*, n.9, p.106-17, 1968.
- 5 _____. En guise d'introduction. In: ATLANI, F. et al. *La langue au ras du texte*. Lille: Presse Universitaire de Lille, 1984. p.9-12.
- 6 _____. Representation, referential processes, and regulation: language activity and recognition. In: MONTANGERO, J., TRYPHON, A. (Eds.) *Language and cognition*. Geneva: Fondation Archives Jean Piaget, 1989. p.97-124.
- 7 FLORES D'ARCAIS, G. B. Parsing principles and language comprehension during reading. In: BALOTA, D. A. et al. (Eds.) *Comprehension process in reading*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Association, 1990. p.345-57.
- 8 FUCHS, C. As problemáticas enunciativas: esboço de uma apresentação histórica e crítica. Trad. de Letícia Marcondes Rezende. *Cadernos de Estudos Linguísticos (Campinas)*, n.7, p.77-85, 1984.
- 9 FUCHS, C., LE GOFFIC, P. *Iniciation aux problèmes des linguistiques contemporaines*. Paris: Hachette, 1985.
- 10 GOODMAN, K. S. Reading: a psycholinguistic guessing game. In: GOLLASCH, F. V. (Ed.) *Language and literacy*. The selected writings of Kenneth S. Goodman. Boston: Routledge and Kegan Paul, 1982, p.33-44.
- 11 KATO, M. A. *No mundo da escrita*. São Paulo: Ática, 1986.

- 12 NEISSER, U. *Cognitive Psychology*. New York: Meredith Publishing Company, 1967.
- 13 PORTINE, H. *Éléments pour une grammaire de l'énonciation*. *BELC (Paris)*, p.1-28, 1980.
- 14 _____ . Remarques sur l'automatisation du rapport appreni-lecteur/texte. *Études de linguistique appliqué (Paris)*, n.76, p.75-94, 1989.
- 15 SOUESME, J. C. *Grammaire anglaise en contexte*. Paris: Ophrys, 1992.